

# Rio, cidade-sede de um modelo global de militarização

---

Por Anna Schlidt · 22/03/2017

[9131462753\\_5642e0caba\\_o](#)

**Por Thiago Mendes, [Instituto PACS](#)**

No começo de abril, o Rio de Janeiro vai sediar a LAAD Defence & Security, a “mais importante feira de defesa e segurança da América Latina”, conforme definem os próprios organizadores. A cidade palco dos megaeventos esportivos, onde 20% de homicídios são cometidos pela polícia em serviço, segundo dados da Anistia Internacional, vai receber mais de 600 marcas expositoras de armas, equipamentos bélicos e outras tecnologias “para o fomento de negócios junto às Forças Armadas, Forças Policiais e Especiais, consultorias, segurança corporativa e agências governamentais”, ainda segundo os organizadores.

[O Rio se tornou sede também](#), recentemente, de um escritório da Drug Enforcement Administration (DEA), agência estadunidense de combate ao narcotráfico, que desembarcou em solo carioca a pedido do então secretário de Segurança Pública, José Mariano Beltrame.

Os dois fatos citados, à primeira vista isolados, colocam o Rio de Janeiro em destaque em uma dinâmica global de reprodução de um modelo militar de segurança nos territórios das cidades. Atualmente, as mortes por intervenção de policiais estão num [patamar próximo ao cenário anterior à implantação das Unidades de Polícia Pacificadora \(UPPs\)](#). Nesse contexto, que lugar o Rio pós-

Olímpico ocupa na conjuntura global em que a comercialização de armas atingiu o [maior volume desde o fim da Guerra Fria](#)?

O processo de militarização, agravado com a preparação da cidade para eventos como Pan-Americano, Copa do Mundo e Olimpíadas, tornou o Rio uma cidade em que a presença de forças militares, repressão a manifestações, “caveirões” — circulando ao som de “[Sai da rua, morador. Eu vim roubar sua alma](#)” — e tiroteios nas favelas ([somente no Complexo do Alemão foram 28 no último mês](#)) compõem o cotidiano dos moradores e moradoras. Tudo isso em nome de uma política racista e falida de guerra às drogas, importada dos EUA, conforme expõe Cecília Olliveira neste [texto](#) para o [The Intercept](#).

Maren Mantovani, coordenadora de relações internacionais da campanha [Stop the Wall](#) (campanha pelos direitos da população palestina), aponta pelo menos três níveis em que é possível estabelecer conexões globais sobre a militarização no Rio: o treinamento de forças especiais como o Bope; a venda de armas e tecnologias para as polícias e a estruturação do controle e da vigilância da cidade como um todo.

“Estamos hoje em um nível que nem George Orwell, quando escreveu [1984](#), poderia imaginar. Escondido sob o nome de safety city (cidade segura) ou smart city (cidade inteligente), está se instalando um meganegócio de centros de comando e controle integrado em que Israel está evidentemente na primeira linha, desenvolvendo e vendendo essas tecnologias”, pontua Maren.

Ela lembra que os centros de comando e controle são modelados seguindo a experiência que se tem em Gaza, na Palestina.

Os centros de controle e comando foram instalados durante a Copa do Mundo nas cidades-sede do Mundial. Alguns anos depois, em 2013, o Rio venceu o [prêmio World Smart City 2013](#). “Isso é complicado, porque você tem uma cidade cada vez mais vigiada, sem nenhuma transparência disso. Não se sabe o quê, como, nem quando está sendo vigiado. Não se sabe o que está sendo feito com esses dados”, alerta Cecília Olliveira, especialista em segurança pública.

Além disso, Cecília questiona a eficácia de todo o aparato tecnológico na elucidação de crimes, que no Rio apresentam índices muito baixos. “É realmente uma coisa que fica no imediato, como no caso das manifestações. Mas qual o impacto disso na elucidação de homicídios? Esse dado a gente não tem”, cobra Cecília.

Maren argumenta que essas tecnologias de controle e repressão são testadas em lugares como Palestina e Bagdá, para depois serem usadas em territórios de “guerra de baixa intensidade”, como no Rio, mas também em capitais do norte global.

“São as mesmas ideologias e tecnologias que você encontra hoje também em Londres, Bruxelas, Paris, Los Angeles, Baltimore, para reprimir toda a população excluída e os movimentos que estão se rebelando de uma maneira ou outra”, detalha ela.

Exemplo de como essas tecnologias de guerra chegam ao sul global é o uso de armas específicas de repressão a manifestações. No Rio, em março de 2013, uma arma sônica, que causava dores nos ouvidos, foi usada contra os indígenas que se recusavam a deixar a Aldeia Maracanã.

Em março de 2016, foi a vez de a polícia militar de São Paulo usar, pela primeira vez, blindados israelenses para reprimir manifestantes.

Momentos como a feira LAAD, organizada de dois em dois anos, são ocasiões-chave para a troca de informações e tecnologias globais de repressão, assinala Maren. Uma olhada na programação do evento — restrita a profissionais do setor — ajuda a entender na prática o argumento. No primeiro dia, por exemplo, está programada uma palestra sobre “monitoramento de grupos organizados, manifestações e combate a terrorismo e danos ao patrimônio”. No segundo, discussões sobre o “modelo mundial de integração em segurança pública: Sistema gerencial da Polícia Civil do Rio de Janeiro”. “As palavras lindas escondem os intentos: discutir como reprimir os povos, sendo a América Latina um espaço absolutamente central nisso”, aponta Maren.

[1-onMtDjFO\\_7Hg9BDPKy1eGQ](#)

Se para a população das favelas do Rio a presença militar virou sinônimo de tiroteios constantes, invasões a domicílios e constrangimentos de toda ordem, para muitos que vivem no asfalto, a militarização é associada a algo bom, que garante uma sensação de segurança.

De acordo com Dario Sousa e Silva, professor do Instituto de Ciências Sociais da Uerj, a presença das forças armadas e de segurança como acréscimo às forças policiais é algo que antecede os megaeventos esportivos do ciclo recente. O que era uma “característica de excepcionalidade” antes, porém, passou a virar rotineiro.

“Há uma fronteira entre o que deve ser protegido e de quem se proteger. O tanque apontado para a Rocinha a partir da Gávea [na ECO-92] era uma mensagem muito clara disso”, relembra Dario, que cita eventos Reunião do G-8 e Cúpulas das Américas, como episódios de uso excepcional das forças armadas nas favelas do Rio.

Para Maren Mantovani, coordenadora de relações internacionais da campanha Stop the Wall, a saída para combater a ideologia da militarização é criar um “enlace global entre as populações atingidas” para criar solidariedades e fortalecer as lutas. “É preciso mostrar que os lugares mais seguros não são os que têm mais policiais, mas onde se tem mais justiça e serviços sociais”, defende Maren.

Numa guerra em que os civis são os alvos principais, as trincheiras de resistências são cavadas todos os dias por palestinos/as, favelados/as, pela população negra de Baltimore morta pela polícia, por todos e todas que se insurgem contra a militarização da vida.

“Há tempos eles acabaram com a diferença entre civis e militares. Todos viramos objeto de uma guerra global contra os povos”, resume Maren.

*Foto: [Seimen Burum](#)*